

O Outro

Sei que nesta história serei conhecido como o Outro, mas tenho um nome, chamo-me Luís.

Deixem-me apresentar-vos. Tenho quarenta e oito anos, sou informático, trabalho por conta própria em consultorias, por projectos. Não me queixo, ganho bem, giro o meu tempo, posso trabalhar onde quiser, com raras visitas a clientes.

Confesso que nunca pensei em escrever esta espécie de diário, nem sei bem porque estou a começar, dá-me gozo e, quem sabe?, algum dia os meus filhos, quando o encontrarem, achem graça.

Tenho dois filhos. Uma com dezanove e um com dezzassete. De um casamento, há vinte e três anos, ao contrário da maior parte dos meus amigos, casei-me cedo, mas muito apaixonado. A Leonor, desde há dois anos,

é a minha ex-mulher. Se me perguntarem porque nos separámos, acho que nenhum de nós tem uma explicação sólida. As coisas foram arrefecendo, sem nunca termos tido grandes tensões, até um dia em que numa conversa muito aberta, dissemos um ao outro, isto já não é amor, talvez seja amizade, solidariedade com certeza, mas temos uma idade em que vale a pena voltar a tentar. Nenhum tinha esquemas por trás, combinámos os aspectos práticos, falámos com os miúdos e cada um foi para seu lado. Mas os lados cruzam-se muitas vezes, porque é preciso gerir os filhos e, pasme-se, um dia até fiquei lá ao serão, e depois de eles se irem deitar, nós fizemos o mesmo. Foi bom, com muita ternura, mas para os dois foi claro que já não fazia sentido. Quase não falámos, mas devemos ter pensado o mesmo, isto é mais necessidade do que vontade...

Nunca me foi difícil estar sozinho, até porque em semanas alternadas ficava muito bem acompanhado, com os meus filhos, que são muito divertidos e me perguntavam regularmente, pai, quando é que chegamos cá e deparamos com uma tia? Infelizmente para eles, as tias que por lá passavam eram todas amigas antigas, e mesmo para uma voltinha não davam, uma espécie de amigas/irmãs.

Uma pequena nota para vos dizer que sou um bocado esquisito e exigente em matéria de namoradas. Não sei explicar bem, não tem que ver só com o aspecto físico, como diz um amigo meu, até podem ser parecidas com uma garrafa de *Laranjina C*, mas têm de ter qualquer coisa, algo que me atraia. A conversa, o sentido de humor,

O OUTRO

as mãos e, desculpem, não pensem que sou fetichista, os sapatos. Irrita-me a exibição de roupas de marca, as malas que custam uma fortuna, as conversas muito certas. Têm de gostar de viajar, de preferência para países muito diferentes do nosso. Basta sugerirem ir à República Dominicana e ficam riscadas do mapa. Não me considero snobe, mas não vale a pena forçar, não aguento.

Maria

Comecei a escrever muito cedo. No meu tempo, era frequente as miúdas terem um diário, fechado com um cadeado que qualquer mãe abria. Penso que a minha nunca o fez; aliás, eu contava-lhe quase tudo. Só me lembro de uma história que ela nunca soube, um namorico com um rapaz complicado, que fumava umas *ganzas*, iria ter medo de que eu também ficasse agarrada. Mas nunca mais me esqueço de como ele era bom na cama, sobretudo quando estava *ganzado*, aquilo não acabava...

Tirando este episódio, de que não me arrependo nem um bocadinho, fui uma menina certinha. Nunca chumbei, estive muitas vezes no quadro de honra, os professores gostavam muito de mim, os colegas também, tive de sacudir muitos.

Quando cheguei ao fim do secundário, não sabia bem que curso fazer. Pedi aos meus pais um ano sabático, fui viajar com umas amigas, América do Sul, uns chilenos e argentinos porreiros, perdi-lhes o rasto, mas também não os queria para nada. Já me tinham dado tudo o que eu queria.

Voltei com a certeza do que iria estudar. Tinha uma média bastante alta, os meus pais são médicos, seria medicina. Ao contrário do que se diz e se acredita, que o curso é muito difícil, nunca achei, talvez porque gostava muito e sempre tive ajuda e incentivo em casa. Comecei a ver doentes cedo, com o enorme prazer de conversar com eles e pensar nos seus diagnósticos. Talvez por isso, hoje tenho uma especialidade complexa e mal paga. Sou internista. Desde há uns anos que também faço Emergência Médica, o que me dá uma sensação única, salvar vidas na linha ténue com a morte. E continuo a adorar o que faço.

Estou agora com quase trinta anos, acabaram-se os internatos, as longas noites de urgência e de chamada das viaturas médicas de emergência e reanimação, continuo a fazer tudo isto, mas com menos sobrecarga. Já sou uma chefinha, o que me dá vantagens de disponibilidade, mas quase nenhum aumento de ordenado. Há alguns meses, hesitei em aceitar um lugar muito bem pago num hospital privado, mas gosto muito de trabalhar em equipa. Lá, iria ficar muito sozinha.

Há histórias na vida que parecem de filme. A minha não é daquelas que se costuma dizer que davam uma

telenovela mexicana, mas quase. Uma noite, quando ainda fazia emergência médica, fui chamada para um acidente de moto, algures, perto de Cascais. Pensei, mais um maluco que se pôs a acelerar e não tem unhas para aquilo. Da nossa base, com o meu enfermeiro motorista, devemos ter demorado quatro minutos a chegar lá. Acho que ele errou a vocação, devia ter feito uma carreira nas corridas de automóveis.

Ainda com o capacete na cabeça, não se percebia bem a idade, mas era novo. Não estava em paragem cardiorrespiratória, mas para lá caminhava, quase sem pulso, tensão 70/40. Tirámos-lhe o capacete, entubámo-lo rapidamente e canalizámos uma veia. É espantoso como, ao fim de uns anos, executamos tudo isto quase sem falar, em gestos sincronizados, ao mesmo tempo que falamos com o Centro de Orientação de Doentes Urgentes e fazemos uma descrição sucinta do quadro clínico que ajuda a decidir para onde vai. Acompanhei-o até ao hospital, tinha várias fracturas, não muito graves.

Nunca mais me lembrei desse acidente, eram tantos, até que um dia me aparece no hospital alguém que pede para falar comigo.

— Eu sou o maluco do acidente de moto na Terceira Circular que a doutora salvou, venho agradecer-lhe. Posso convidá-la para tomar um café?

Confesso que pensei, até podes convidar para jantar, que vou já. Era lindo, o olho muito azul, uma expressão luminosa, podia ser burro todos os dias, mas a beleza e o *charme* ninguém lhe tirava. Como sou uma menina

muito certinha, respeitei o pedido e fomos tomar café. Era Verão, levou-me ao Guincho, parecia que tinha adivinhado um local de que os meus pais me falavam muito, insinuando, sem nunca o dizerem, que tinha sido lá a primeira vez deles, a Estalagem Muchaxo. Velhinha, mas cheia de *charme*, com uma vista incrível, sentámo-nos junto à janela do bar, não estava mais ninguém.

Lembro-me como se fosse hoje, camisa às riscas azuis, camisola pelos ombros, em bico, sapatos de vela, *jeans*, um pormenor, sem meias. Parecia um *betinho* de Cascais, mas rapidamente percebi que não era burro.

Fizemos aquilo que em medicina se chama a história clínica de cada um. Voltou a agradecer-me, não se lembrava de quase nada do acidente, mas tinham-lhe dito, tiveste sorte, saiu-te uma médica com muita experiência de malucos que aceleram. Jurou-me que desde então andava devagar, mas não vendera a moto, podia ir com ele à confiança. Já então eu conhecia o truque da moto, vais atrás e nas curvas mais apertadas tens de pôr as mãos à volta da cintura dele.

Acho que o café durou mais de duas horas, saí dali perturbada, e o futuro mostrou-me que a minha intuição era certa.

Casar-me não estava nos meus planos, a questão não passava pela história de me querer dedicar de alma e coração à profissão, mas simplesmente gostava de viver sozinha, já o fazia há anos, e de ter a minha liberdade sem dar satisfações a um homem. Pela boca morre o peixe, neste caso, a *peixa*, e não tardou estávamos completamente envolvidos, e uns meses depois a viver juntos.

Agora, que já vos contei as partes mais importantes do meu passado na forma de recordação, vou passar a escrever no presente.

O gajo da moto, o Pedro

Eu sou o Pedro, não vou repetir o que já sabem, a Maria nunca me mostrou o diário dela, mas contou-me que escreveu o essencial sobre como nos conhecemos e nos apaixonámos. Mas sabem pouco de mim, desde que vim ao mundo.

Nascido e criado em Cascais, mas não sou um *beto*. Os meus pais sempre trabalharam no duro para me criar e a mais duas irmãs. Conheceram-se nos aviões. O meu pai era piloto e reformou-se como Comandante de Longo Curso, a minha mãe era Assistente de Bordo, também já reformada, atingiu o topo da carreira como supervisora. Tentavam não voar juntos, mas muitas vezes não resistiam a ter umas pequenas luas-de-mel no Brasil, em Nova Iorque, em Moçambique. Durante essas viagens, ficávamos com os meus avós maternos; porém, muito

pequeno, sou o mais velho dos irmãos, lembro-me bem de ficar no Infantário da TAP, aberto vinte e quatro horas por dia, e de a minha mãe me ir lá buscar de madrugada. Toda a gente acha que é uma profissão cheia de *glamour*, mas é muito dura.

Fiz o percurso escolar clássico, infantário, depois Salesianos até ao fim do secundário. Nunca me passou pela cabeça ir para a aviação, queria uma profissão com horários normais, vi demasiadas vezes os meus pais saírem e chegarem de madrugada para querer ter a mesma vida. Mas sempre fui engenhocas, desmontava e montava coisas e adorava carros. O meu primeiro carro foi um R5 todo quitado por mim. Entrei para o Técnico e fiz engenharia mecânica. Tive muita sorte, ainda não acabara o curso e já estava convidado para estagiar no departamento de competição de uma boa marca.

Vivi anos entre oficinas e hotéis pelo mundo fora, a dar assistência aos carros em ralis e velocidade. Ironias do destino, trabalhei muitas noites, quando os pilotos partiam os carros e era necessário repará-los para a etapa seguinte.

Nesse tempo, a minha vida amorosa era quase inexistente, uma namorada ou outra que depressa se fartavam das minhas ausências. Se me perguntarem se sofria muito com esses abandonos, digo que não, para ser completamente verdadeiro, os carros interessavam-me mais.

O Outro, o Luís

Estou há dois anos sozinho, com pequenas intermitências rápidas e que não deixam marcas. Sempre que tenho uma amiga cá em casa, uma noite, ou duas, estou desejoso que ela se vá embora. Muitas vezes minto e digo-lhes que os meus filhos vêm cá ficar. Quando estupidamente aceitei viajar com uma amiga/namorada para as Maldivas, a grande ambição dela, a coisa desatou logo a correr mal, quando começou a postar fotos nas redes sociais e lhe disse, desculpa, mas não faças isso, ninguém tem de saber a minha vida. E não me queria esconder, era livre, estava com quem quisesse, não resisti a provocá-la, quando formos almoçar à Malveira podes publicar o que quiseres. Claro que não gostou.

Esta viagem fez-me reflectir sobre a minha capacidade em estar com uma mulher, face a face, numa ilha,

num hotel. A boa comida, a água quente e os peixinhos não me deram a tranquilidade que imaginava sentir. Não acabou bem, inventei, e ela deve ter percebido, uma urgência profissional para regressar dois dias mais cedo. Ainda tentei continuar a relação, mas percebi que não tinha sido feito para acasalamientos. Voltei a interrogar-me se as saudades dos meus filhos, da minha família, até da minha ex-mulher, me dificultavam a vida? Mas achei que não, o problema estava em mim, até fazia um esforço, mas por uma razão ou por outra fartava-me, só lhes punha defeitos. Para a pequena história, um pormenor ridículo, mas que mostra bem o que sentia. Em determinada época, conheci uma senhora recém-divorciada, como diz um amigo meu, são as melhores porque estão desejosas de dar afecto. Era gira, cerca de quarenta anos, inteligente, com uma profissão que achei interessante, amiga íntima de um casal muito próximo. Depois de um primeiro serão em casa deles, liguei-lhe e convidei-a para jantar. De propósito, não a levei a um desses restaurantes ridículos cheios de estrelas. Fomos a uma tasca comer boa comida portuguesa, cujos donos eu conhecia bem. Um telefonema antes garantiu-me uns bons pratos tradicionais. Ela haveria de gostar de algum. E assim foi, comemos muito bem, confessou-me que nunca tinha ido a um restaurante tão genuíno, ao que retorqui, isto não é um restaurante, é uma casa de pasto. Riu-se, tinha sentido de humor e confessou-me que o marido tinha a mania de só ir a sítios caros. Não comentei, mas pensei, deve ser um totó.

À saída, agradeceu-me o jantar com um beijo inocente, mas deu-me a mão a caminho do carro. E estragou tudo. A pele era áspera, parecia que tinha passado a vida a lavar a loiça sem luvas. Era tudo menos agradável. Usei o truque de acender uma cigarrilha para me libertar, e fui levá-la casa e recusei o convite para entrar. Mais uma vez, os meus filhos estavam em minha casa... Até hoje. Inventei tudo e mais alguma coisa até ela desistir. Senti vergonha pela minha atitude, mas não havia nada a fazer. Pode ser ridículo, mas não é, para mim, ultrapassável. Aqui aplica-se bem a frase, a atracção é uma questão de pele...